

**“ISHA MEHAGUERET”:
JUDIA IMIGRANTE EMPREENDEDORA EM SÃO PAULO
(1945-1956)**

Marie Felice Weinberg¹

“arte e a ciência, a história e a literatura...”².

Afinal, quem fez a História: a Garota de Ipanema ou o poeta Vinícius de Moraes?

Este trabalho é baseado em entrevistas com grupo de mulheres judias, imigrantes e empreendedoras. As entrevistadas emigraram para a cidade de São Paulo quando a II Guerra Mundial e o 2º governo de Getulio Vargas findara. A história oral foi a metodologia utilizada, alinhando a transformação dos valores frente às condições de mulher economicamente ativa, identidade judaica e aculturação, em circunstâncias favoráveis encontradas no cenário político, econômico e social do período.

Se a História Oral discute a documentação viva, ainda não aprisionada pela linguagem escrita e incorpora visões subjetivas, sentimentos e observações dos indivíduos, quais são os indivíduos e de quais sentimentos falamos? Sendo vários os discursos que participam, integram e recontam a realidade, a reconstrução dos fatos e a colagem das informações podem ter diversas formas.

Portanto, esta metodologia foi escolhida por valorizar o olhar do observador, quando ao descrever a história de vida, pondera sobre as causas e os efeitos do momento em que a história foi contada. É o diálogo entre o observador e o sujeito efetivado na entrevista (“entre-vistas” ou “olho no olho”) de modo a ampliar o discurso em vários significados. Assim, a autoria das histórias é fruto da integração entre o discurso, os fatos e a capacidade interpretativa do pesquisador em recontar a história, desvendadas segundo suas entrelinhas³.

As 22 entrevistas se estenderam pelo universo cultural judaico imigrante: mulheres ashkenazitas, (de origem da Europa Central e Oriental, como também identificadas pelo idioma iídiche - língua baseada no alemão arcaico, mesclada a hebraísmos e eslavismos); sefarditas (dos países banhados pelo Mediterrâneo, bem como da Europa em geral, se estendendo até o Oriente próximo, tais como: França,

¹ Mestre em Língua Hebraica, Literatura e Culturas Judaicas pela Universidade de São Paulo. E-Mail: <mariefelice_w@yahoo.com.br>.

² YERUSHALMI, Yosef Hayim. Zakhor. *História judaica e memória judaica*. São Paulo: Imago, 1988, p. 117.

³ FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. *Projeto História*, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 77.

Itália, Turquia, Chipre, Grécia, Bulgária Tunísia, Líbia, Marrocos, Argélia e Egito. São provenientes da Península Ibérica e estão identificados pelo idioma ladino) e orientais (oriundas do Oriente próximo e Médio), objetivando uma abordagem multicultural.

Para esta análise foi criada uma personagem imaginária, de nome *Isha Mehagueret*, que traduzindo do hebraico significa “Mulher Imigrante”, baseada na metodologia do *discurso-síntese*⁴.

Logo, a personagem ficcional “Isha Mehagueret” é fruto da condensação das conversas e frases marcantes e representativas da individualidade e a história é transcrita costurando os resultados estatísticos das respostas tabuladas, numa estrutura literária enriquecida pelas circunstâncias que permearam a realidade histórica do objeto estudado. Desse modo quem participou com seu discurso, permanece vivo e pode se identificar nos parágrafos e não raro, em expressões, diferentemente de tabelas, gráficos ou percentagens, frias e inanimadas.

Europa, 1922

Eu me chamo Isha Mehagueret, e vou começar a falar de meus tempos de menina ainda na Europa Central, onde nasci, assim ... na década dos 20, numa aldeia, onde as mulheres eram muito bonitas. Eu também já fui bonita.

Na casa de minha avó eu e Anit aprendemos a fazer *chálá*⁵. Fazíamos sempre algumas a mais e dávamos para famílias mais pobres. Anit era minha melhor amiga e companheira de todas as horas, inclusive de sinagoga, onde juntas íamos todas as sextas-feiras para o *Shabat*. Nossas mães também eram muito unidas, trabalhavam como enfermeiras numa casa para idosos. O pai de Anit morreu logo que ela nasceu e a mãe casou com um dentista de quem ela gostava muito.

Meu pai, alfaiate mais conhecido e respeitado da nossa aldeia, trabalhava também como tesoureiro da sinagoga, onde participava ativamente das rezas e das reuniões. A nossa vida orbitava no calendário dos eventos na sinagoga. As Grandes Festas eram muito esperadas e comemoradas na casa dos meus avós, que moravam atrás da sinagoga. A família era grande e essas festas eram divertidas, longas e sempre acabávamos adormecendo entre as camas, os sofás e os colos disponíveis.

Todos se conheciam na cidade. Os almoços de *Shabat*⁶ terminavam com longas discussões sobre os fundamentos judaicos, a filosofia por trás dos rituais, o significado de cada um deles, e por aí a fora.

Em casa, lia-se muito. Falávamos alemão, *ídish*, polonês e não raro o russo e o romeno, mas meus pais fizeram questão de que aprendêssemos também o inglês, o que veio a ser de grande importância para mim, alguns anos mais tarde. Entre

⁴ LÊFEVRE, Fernando; LÊFEVRE, Ana Maria Cavalcanti & TEIXEIRA, Jorge J. V. (orgs.). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: EDUCS, 2000, p. 19.

⁵ Pão especial para o jantar de Shabat.

⁶ Dia santificado, tem início ao aparecer da primeira estrela da sexta-feira e termina no sábado, também, ao aparecer da primeira estrela.

livros, jornais e revistas aprendemos sobre o movimento sionista, que ganhava corpo entre alguns dos amigos dos meus pais que acabaram por emigrar para Israel.

Foi em *Chanuká*⁷ de 32 que fui para Lodz, cidade onde minha tia Chana morava. Ela cozinhava com esmero e acredito que meu gosto pela boa comida venha desta época. Lodz era uma cidade industrial, com ruas largas, pessoas desconhecidas e diferentes. Eu me assustei ao notar que as pessoas não se cumprimentavam nas ruas. Embora minha tia acendesse as velas de *Shabat*, ela nem sempre freqüentava a sinagoga. Estivemos uma vez na sinagoga de seu bairro e o serviço religioso era estranho para mim, tudo era mais sério, até as músicas. Durante a prédica falou-se na responsabilidade de sermos judeus. À noite, minha tia explicou e falou sobre certos cuidados que deveríamos tomar ao andar pelas ruas, na escola e nas lojas evitando falar em *ídish* com qualquer pessoa, já que alguns não tinham simpatia por judeus. Foram os primeiros sinais de anti-semitismo com os quais tive contato.

Foi por conta do curso técnico de corte e costura que meus pais me enviaram para a casa dessa tia em Lodz. A casa que era muito grande foi sublocada para a família de meus tios. Os moradores tinham um belo piano e foi assim que meu primo Ariel aprendeu a tocar. Anos mais tarde ele se tornou um renomado pianista em Nova York.

Em Lodz freqüentei a escola regular com aulas de francês, inglês, história e matemática, e à tarde, a profissionalizante em corte-costura. Eu desde pequena brincava na máquina de costura da minha avó, fazendo roupas para bonecas. Foi uma fase deliciosa! Eu era muito caprichosa e guardo até hoje meus cadernos com a teoria sobre moda, técnicas de proporção, equilíbrio e desenho (croquis). Um dia vou tentar reescrever para o português e até quem sabe, ensinar costura. No curso eu ia inventando modelos e produzindo peças de roupas com jornais velhos que coloria. Adorava fazer camisolas decotadas que pareciam roupas de baile. A minha tia reprovava a minha ousadia.

Mas negócio mesmo foi com meu pai, o comerciante, que aprendi. Observava-o na alfaiataria e na pequena loja de armarinhos onde ele trabalhava. Afinal, eu não me sentia tão à vontade entre as tarefas da minha mãe que era ótima dona de casa. Eu ia para a loja dizendo: “Vou respirar o ar de fora”. Eu sonhava com tesouras, tecidos e moldes, mas nunca pensei que essa profissão fosse garantir a minha sobrevivência e, inclusive, da minha família, durante um certo tempo!?

Em 38, Morgit, minha prima veio morar com esses meus tios. Os pais dela eram jornalistas e tinham fugido para a Suíça. Eram foragidos, acusados de crime político, por terem publicado e distribuído diversos panfletos contra discriminação do governo russo e alemão. Ela havia ficado sozinha com seus irmãos menores numa aldeia maior que a nossa, chamada Satu-Mare, na Transilvânia, norte da Romênia que fazia fronteira com a Hungria, a Checoslováquia e Polônia. A região, antes da Primeira Grande Guerra, pertencia ao Império austro-húngaro. Depois, toda Transilvânia passou a ser chamada de Romênia. Em 1940 voltou a pertencer à

⁷Festa do Milagre das Luzes que acontece em dezembro.

Hungria. Em 1945, no final da Guerra, de novo à Romênia. Isto tudo hoje é história, para minha época era o dia a dia.

Em Satu-Mare todos os judeus moravam no mesmo bairro, assim como na aldeia dos meus tempos de criança. Para minha surpresa havia duas sinagogas, uma liberal-sionista e outra *chassídica*⁸, dos Printz. Eles eram muito ricos e religiosos e donos de uma fábrica de painéis de ágata. Eles pagaram o curso para Pauline nos EUA.

Minha outra prima Pauline. Ela também tem uma história emocionante. Órfã aos dezesseis anos, fugiu para Bruxelas, e depois Paris onde ficou escondida numa igreja até conseguir novos documentos, com a Cruz Vermelha. Depois da guerra ela emigrou para os Estados Unidos, onde cursou contabilidade. Mas não era feliz sozinha. Encontrou nas listas de identificação de sobreviventes, divulgadas pelo mundo inteiro, o nome do tio dela que estava morando em São Paulo. Ela imigrou para cá e não demorou a casar-se com um ortodoxo que veio de Budapeste. Eles hoje têm um neto advogado. Mas o começo não foi nada fácil. O marido começou com uma fabriqueta de lingerie e as coisas não iam tão bem. Ela foi ajudar com a contabilidade, depois inventou um crediário em que as parcelas iam diminuindo. Foi bom por um tempo, mas ela não gostava de trabalhar com peças pequenas. Fez uma parceria com duas tecelagens e começou a fazer matelassê para colchas de cama exclusivas. Hoje, exportam. Apesar de tanto trabalho, ela ainda cuida de uma creche para meninas órfãs, ensina inglês e costura. Ela conta que quando chegou ao Brasil ganhou uma família e retribui essa sorte! Nós cuidamos da família e dos amigos.

Eu tinha uma outra tia, por parte de pai que veio ficar conosco assim que o marido morreu. Eles costuravam soutiens e cintas por encomenda. Foi com ela que eu de fato aprendi uma profissão.

A guerra chegou. Fizemos uma reunião familiar que veio a ser a última. Lá foi decidido que deveríamos emigrar para onde fosse possível e quando estivéssemos em segurança passaríamos o endereço a Dom Felipe, o padre da igreja que ficava perto da praça onde era a alfaiataria do meu pai. Ele nos ajudou, e chegou a fazer conversões, casamentos e entregou a documentação acima de qualquer suspeita. Cada núcleo familiar ficou incumbido de levar um pedaço da história: álbum de fotos, o castiçal de *ChanuKá*, a toalha de *Rosh Hashaná*⁹, o quadro que ficava na sala de jantar da minha avó...coisas que eu nunca mais vi! Não lembro mais quanto ficou faltando, são pedaços que ficaram espalhados e não conseguimos mais juntar. Isso ainda machuca.

Nos últimos dias antes da partida tive a sorte de encontrar a minha antiga professora, sabíamos que era o último encontro. Chorei e entre soluços de tantas perdas, ela sugeriu o nome de um noivo para mim. Meu pai aceitou de imediato, afinal era de uma “boa família”. Um cliente de meu pai que havia se tornado prefeito da cidade preparou os papéis e formalizamos o casamento civil. A cerimônia terminou ao som de tanques e soldados. Gritos, vidros quebrando, coisas caindo.

⁸ Movimento judaico da Europa Central.

⁹ Ano Novo judaico.

Fugimos para o cemitério que foi durante um tempo um lugar seguro. Anit, minha amiga que estava apaixonada por um ortodoxo russo foi embora já com uma filha na barriga, direto para Filadélfia. Até hoje somos muito amigas, de tempos em tempos eu vou, ela vem e sentamos em qualquer lugar e falamos de dentro da alma.

Fomos a Kluj, na Transilvânia, eu e meu marido, meus pais e meu irmão. Soubemos por amigos que muitos estavam se arranjando por lá. Apareceu a alternativa de alistamento para o exército de Israel. Meu irmão se alistou e foi como camareiro no navio que ia para lá. Com o primeiro dinheiro mandou buscar meus pais assim que terminou a guerra. Ele lutou com os ingleses pela Fundação de Israel e depois da Declaração de Independência voltou a trabalhar no navio fazendo a rota para os Estados Unidos. Na passagem pela Itália trazia bijuterias finas, caixas inteiras. Todos assim faziam, cada um trazia alguma coisa, revendiam e começaram a fazer dinheiro. Ele casou em Israel, mas suas duas filhas nasceram aqui e já são oito netos.

Eu e meu marido localizamos um vizinho que já vivia em São Paulo e mandou a carta de chamada para nós. Conseguimos vir, através da Itália. Depois que chegamos à Áustria, uma entidade sionista nos ajudou a chegar à Itália para buscar o visto de chamada no consulado brasileiro. Eu já estava grávida.

Berij e sua família estavam nos esperando no porto e ficamos inicialmente instalados em sua casa em São Paulo, que ficava em frente à praça da Estação da Luz, onde tinha um lago com peixes vermelhos e podíamos atravessá-lo por uma ponte. Foi o nosso tempo de lua-de-mel.

Aos poucos começamos a sair de casa, havíamos ficado impressionados com as favelas e a pobreza e demoramos a entrar em contato com as pessoas. Outra coisa que estranhamos eram os negros que nós nunca tínhamos visto, ao mesmo tempo em que nos encantávamos com tanta mistura, eram japoneses, árabes, italianos... tantos sotaques. As aulas de português começaram no navio e de fato ajudaram, mas ainda assim ficávamos confusos ao percebermos que a maioria dos brasileiros não sabia ler. Eram muito atenciosos e prestativos talvez até serviçais. Os costumes sobre higiene eram muito diferentes, mesmo com tanta água. Andar pelas ruas sem sombrinha, como era o costume local, parecia impossível. O clima quente e úmido deixava a roupa marcada pelo suor e nem assim as pessoas deixavam de se cumprimentar com longas seqüências de beijos, pareciam íntimos desde sempre!!

A realidade se fez premente e eu comecei a trabalhar numa alfaiataria, que tinha uma freguesia diferenciada, era no centro da cidade, no Largo do Arouche. O dono confeccionava paletós e *blazers* e eu, no começo, ajudava na parte de acabamento e depois passei a fazer também as provas.

Aos poucos eu fiz amizades e grandes amigas, deixei a alfaiataria e comecei a atender em casa fazendo novamente roupa íntima. Quando meu segundo filho nasceu não dava mais e acabamos alugando na região um galpão. Elas vinham com hora marcada para ter sempre privacidade e eu tinha muito cuidado com isso. *Soutien* e cinta exigem também muita paciência. Eu preparava um chá e

servia com bolachas e uns chocolates muito gostosos que eu comprava da Monique. Ela é uma egípcia que chegou em 1952 ou 1953 fugindo das perseguições que estavam acontecendo contra os judeus como retaliação à Fundação de Israel. Com ela eu conheci um outro judaísmo. Tudo para ela é cheio de sinais e significados e para minha surpresa ela não falava *ídish*. Era uma mistura de espanhol com hebraico, o ladino. As músicas e as comidas são diferentes, embora comemorações religiosas sejam as mesmas, tudo muito perfumado. Os chocolates dela também tinham perfume, mas ela conta que demorou em acertar o ponto dos chocolates que derretiam muito fácil. Até no jeito de ser mulher notei diferença, se mantinham reservadas dos homens, eram mais maquiadas, usavam muitas jóias e quando se reuniam soltavam gargalhadas como eu nunca tinha visto. Criamos uma amizade que me permitiu trocar exóticas receitas e até aprender algumas melodias. Hoje ela mora no “Lar Golda Meyer” e quando a visito faço questão que ela leia a borra de café, mais uma das coisas que tantas vezes compartilhamos.

O meu atelier foi crescendo e foi ficando elegante. Comecei a pensar em fazer lingerie também. Foi quando o meu marido, que não ia bem com a sua loja de material elétrico, resolveu me ajudar no negócio. Aos poucos as primas começaram a ajudar e chegou o momento que contratamos, primeiro uma costureira, depois uma modelista...

Uma delas mal falava português, só polonês. Ela imigrou com o marido para o Rio e faziam lenços de cabeça e pescoço, porém o clima era quente e não conhecendo nem religiosas, nem portuguesas resolveram tentar a sorte em São Paulo. Ela muito tempo comigo.

E o meu negócio foi crescendo. Eu comecei uma nova fase, que incluía viagens para o exterior em busca de modelos, detalhes e renda. Assim recomecei a confecção de camisolas e peignoir. Enfim, eu estava realizando um sonho que eu pensava soterrado pelos muitos tanques de guerra.

Viajei algumas vezes para a Europa, por onde houvesse a moda para as várias coleções que produzi, principalmente depois que o atacado impulsionou o negócio. Fui também para Nova York. Sempre descobria mais alguém da família para visitar. Hoje tenho a minha filha em Miami e meus netos que estudam em colégio judaico, diferente do que fizemos para os nossos filhos, porque naquela época, isso não era importante.

Peter, irmão de Don Fellipe, que para proteger sua esposa judia, também, imigrou para cá, tornou-se um empresário que influenciou muito o meu negócio. Com ele construímos uma amizade de muita confiança, inicialmente estimulada pela gratidão ao apoio. Eles estavam enriquecendo com uma malharia e me incentivaram a apostar no mercado atacadista. A primeira coleção foi vendida por seus próprios representantes.

Cometi muitos erros no começo. O meu primeiro mostruário foi em tamanho 46. Eu não sabia fazer atacado. Eu engordei um pouquinho fiquei entre 44 e 46 e fiz do meu tamanho, e se não vendesse?... Então eu usaria! Então Peter me explicou sobre as vantagens da apresentação no tamanho 40. A *lingerie* ficaria mais

modelada, a peça mais atraente e até mais econômica. Ele me ensinou muitos truques deste novo mundo.

Com o dinheiro que meu irmão trouxe de Israel alugamos outro galpão com espaço maior. Devagar a coisa foi engrenando, até o governo inventar um viaduto, este que passa pelo Largo do Arouche, mas logo um conhecido arrumou um novo espaço. Acho que os acontecimentos fizeram com que nós, os imigrantes de modo geral, ficássemos mais fechados como um grupo, pelo menos no princípio. No caso dos judeus, isso era mais forte, porque algum anti-semitismo ainda se podia sentir. É caso de uma senhora que vive atualmente no Lar com minha amiga Monique. Ela teve um açougue, num bairro longe da maior parte dos imigrantes judeus. O negócio funcionava bem até a morte da mãe. Por causa dos preparativos diferentes, descobriram que eram judeus e deixaram de comprar, fantasiando sei lá o que sobre a carne. Quando esse assunto aparece entre as moradoras do Lar, cada uma conta e reconta sua história.

Aparecem algumas surpresas como a Riva que cresceu como protestante e tempos depois converteu-se ao judaísmo. Ou ainda o caso dos filhos de Varja que só depois de adultos descobriram serem judeus, mas não se interessaram em resgatar o vínculo. Quando alguém ainda reclama da vida, Clara se exalta e protagoniza a defensora da existência do Lar “Golda Meyer”, motivo suficiente para todos se orgulharem da cultura e da filosofia judaica que cultua a solidariedade, mencionando ainda o fato de São Paulo ter acolhido tantos imigrantes com espaço e liberdade para progredir. Clara e seu marido foram ativistas políticos e ela mantém essa força em sua alma e na pose do discurso.

Eu, em meus dias de trabalho, ficava na oficina o dia todo, mas na hora do almoço eu recebia deliciosos pratos que só a minha mãe sabia fazer. Ela também cuidava dos meus filhos pequenos. Demorou um tempo até podermos ter uma empregada. Aliás, elas me assustavam um pouco com sugestões que pareciam feitiçaria, como curar dor de barriga com chá da goiabeira do jardim do Seu Antônio, ou a dor de ouvido com um copo d’água embaixo do berço enquanto o bebê dormia. Faz tempo tudo isso!!

O tempo passou e veio o *Bar-Mitzva*¹⁰ de meu filho e só depois de seu casamento com a Denise, passamos a freqüentar a Hebraica. Recomeçamos a sentir o espírito de comunidade. Hoje fazemos doações para várias entidades aqui de São Paulo e também de Israel.

Mas, para os meus filhos crescerem, muitos rolos de tecido foram enfiados, quero dizer, tecido ou renda esticado em camadas para cortar um determinado modelo. Eles cresceram e estudaram, tudo graças ao sucesso de nossa marca. Eu pude fazer sucesso porque tive a sabedoria em relação ao meu marido e à minha família. A mulher pode ser a mentora mas, deve manter a humildade em casa.

A minha filha também sabe disso. Ela trabalha como instrumentadora e está estabelecida no Rio de Janeiro. Meu genro é médico cardiovascular, não judeu e eles se entendem muito bem. Resolveram a circuncisão dos filhos no hospital. É lá

¹⁰ Festa da maioridade masculina que se comemora aos 13 anos.

que vou para me aposentar. Vou curtir os netos. Tenho três. Pensei talvez em trabalhar por lá, mas ela não vai me deixar, ela acha que é tempo de ter hora. Ter tempo para ver o tempo.

Fontes Orais

Nomes fictícios das mulheres imigrantes judias empreendedoras em São Paulo:

Amelie; Claudete; Dália; Daniela; Esmeralda; Isabel; Juliette; Linda; Luiza; Myetta; Margareth; Maura; Miriam; Nice; Nitzá; Regina; Rosália; Ruth; Samantha; Sofia; Suzana e Zélia.

Bibliografia

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. *Projeto História*, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, n. 10, dez. 1993.

LÊFEVRE, Fernando; LÊFEVRE, Ana Maria Cavalcanti & TEIXEIRA, Jorge J. V. (orgs.). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: EDUCS, 2000.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. Zakhor. *História judaica e memória judaica*. São Paulo: Imago, 1988.

RESUMO

“ISHA MEHAGUERET”: JUDIA IMIGRANTE EMPREENDEDORA EM SÃO PAULO (1945-1956)

Baseando-se em entrevistas com imigrantes judias na cidade de São Paulo que se revelaram empreendedoras e utilizando estudos metodológicos diferenciados, ousamos criar uma história que, embora captada de fatos reais, é resultado de um *patchwork* de discursos a que chamamos de Ishá Mehagueret, expressão em hebraico que significa mulher imigrante. A partir do levantamento de dados de 22 entrevistas, tabulação foi criada uma personagem ficcionada que apresenta a realidade histórica os resultados estatísticos numa estrutura literária.

Palavras-Chave: História Oral; Gênero; Empreendedorismo; Imigrantes.

ABSTRACT

“ISHA MEHAGUERET”: JEWISH WOMEN IMMIGRANT ENTREPRENEURS IN SÃO PAULO (1945 -1956)

This study is based on interviews carried out with a group of Jewish immigrant women, who are also entrepreneurs, or business-women. From the collection of data raised in the 22 interviews, a fictional character was created, who introduces the historical reality of the statistical results in a literary structure.

Keywords: Oral History; Gender, Entrepreneurs; Immigrants.